



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9692 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**PRÁTICAS EDUCATIVAS E DISRUPTIVAS EM "A FLECHA DE DEUS" DE CHINUA ACHEBE**

Raimundo Nonato de Pádua Câncio - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Adalberto Pereira Torres - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS E DISRUPTIVAS EM "A FLECHA DE DEUS" DE CHINUA ACHEBE**

**RESUMO:** Na obra "*A flecha de Deus*" (1964) o autor nigeriano Albert Chinualumogu Achebe (Chinua Achebe) tece uma narrativa por meio de uma trama que se articula entre a cultura tradicional e a modernidade, para colocar em evidência as históricas relações conflituosas entre o cristianismo e as religiões africanas. Nessa direção, o objetivo deste estudo é identificar as estratégias utilizadas nessa obra pelo autor-narrador para chamar atenção do leitor aos impactos causados pelas práticas de colonialidade do saber e do ser do homem branco contra o povo africano. Trata-se de um estudo de natureza teórica voltado ao exame crítico dos quadros de referência da obra em questão e de suas condições explicativas da realidade. Para tanto, fazemos aproximações com as perspectivas Pós-colonial e Decolonial no que tange à crítica epistemológica. Os resultados evidenciam que uma das principais estratégias utilizadas pelo autor é a condução do leitor aos conhecimentos da religião e da cultura de seus antepassados por meio da legitimidade do discurso histórico, que dialoga com elementos biográficos, para denunciar as históricas práticas opressoras do homem ocidental, contrárias aos ritos sagrados e à cultura secular do povo africano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chinua Achebe. "A flecha de Deus". Pós-colonial. Decolonial.

### Introdução

Alguns estudos têm mostrado que em determinados períodos a escrita literária dos autores africanos expressam a tensão existente entre dois mundos, o do colonizador e do colonizado. Era comum nas obras produzidas nos países africanos, até a suas independências, as realidades serem retratadas a partir da perspectiva do colonizador. Entretanto, alguns escritores, como o nigeriano Chinua Achebe, começam a romper essa lógica colonialista e passam a problematizar a dualidade entre a sociedade colonial e a sociedade africana. Ao produzirem literatura, escritores, como Achebe, transitam por esses dois espaços, ou por uma

terceira via, que emerge dos embates vivenciados diante dos modelos hegemônicos de cultura e economia propagadores da modernidade.

Ferreira (1989) observa que para o entendimento da literatura africana é necessário a compreensão da perspectiva dinâmica presente nas obras literárias, haja vista que não se trata de momentos nem rígidos nem inflexíveis, pois o escritor, muitas vezes, transita tanto em espaço ontológico quanto no espaço de sua própria criatividade, por onde são movimentados os valores adquiridos do colonizador e os valores culturais originários, o que evidencia a consciência do valor do que se “perdeu”, e quando o escritor africano assume a responsabilidade de construtor, mensageiro e também de defensor da cultura africana. Foi a partir dos anos de 1980 que historiadores e literatos africanos passam a vivenciar mais intensamente esse movimento de revisão historiográfica, em contraposição às narrativas eurocentradas, que contribuíram para produzir o “apagamento” da memória social dos povos do continente africano, ampliado assim as possibilidades de reflexões numa perspectiva mais crítica (OLIVA, 2003).

Tal movimento pode ser percebido na obra “*A flecha de Deus*” de Chinua Achebe, o qual coloca em evidência as históricas relações conflituosas entre o cristianismo e as religiões africanas, cuja temática de fundo é a luta contra a exploração e a intolerância religiosa, colocando em evidência a consciência da diferença ora ameaçada ora fortalecida nos conflitos culturais e nos confrontos raciais. A colonialidade neste estudo é compreendida como uma estrutura lógico-cognitiva de domínio colonial para o controle das metrópoles ou impérios. No entanto, o objetivo maior deste estudo de natureza teórica é identificar as estratégias utilizadas nessa obra pelo autor-narrador para chamar atenção do leitor aos impactos e aos embates desencadeados pelas práticas de colonialidade do saber e do ser do colonizador contra o povo da pequena aldeia de Umuaro, na Nigéria.

### **Colonialidade do Saber e do Ser como questões de fundo na escrita de Chinua Achebe**

Proveniente de uma família cristã evangélica, e filho de um professor de uma escola missionária, o romancista, poeta e crítico literário africano Chinua Achebe, considerado pai da literatura nigeriana moderna, nasceu no dia 16 de novembro de 1930 (trinta anos antes da independência da Nigéria), no vilarejo de Ogidi, no lado oriental de uma Nigéria colonizada pelo império britânico. Ainda que tenha estudado em escolas inglesas, nunca se despreendeu e sempre defendeu os valores tradicionais de seu grupo étnico Igbo, do sudoeste da Nigéria, um dos maiores e mais tradicionais grupos étnicos da África. Em honra ao seu povo, ele renunciou ao seu nome britânico em favor do seu nome indígena Chinua, uma vez que o primeiro fora escolhido em homenagem ao colonizador, o príncipe Alberto, marido da rainha Vitória da Inglaterra.

Formou-se em jornalismo, atuou na diplomacia durante os conflitos entre o governo da Nigéria e o povo Igbo, no final da década de 1960. Foi um diplomata interessado na política africana (RUIZA; FERNÁNDEZ; TAMARO, 2002). Passou depois a ensinar em universidades americanas e nigerianas, tendo sido nomeado investigador auxiliar da Universidade da Nigéria e, mais tarde, professor catedrático de Língua e Literatura Inglesas, cargo que deteria até a sua reforma, em 1981. Foi também professor emérito da mesma universidade, professor catedrático de Língua e Literatura Inglesas da Universidade de Massachusetts e professor catedrático de Estudos Africanos na Universidade de Connecticut. Em 1944, Achebe ingressou na University College of Ibadan onde também estudou Teologia, História, Língua e Literatura Inglesas. Faleceu aos 82 anos, em 21 de março de

2013, em Boston, Massachusetts, EUA. Achebe é considerado um dos fundadores do renascimento literário nigeriano, ocorrido no início dos anos 1950, figura entre os mais importantes escritores da língua inglesa e é o mais conhecido e lido entre os romancistas africanos de língua inglesa.

É importante observar que entre o século XIX e o início do século XX a Inglaterra começa a formar um império colonial ao dominar grande parte do sudeste asiático e da África Ocidental, além de uma parte da Oceania. Sob o argumento britânico civilizatório, passa a enviar seus missionários para “iluminar” os povos vistos como selvagens e incivilizados pelos colonizadores. Com fundamento nesse processo, a escrita de Achebe chama atenção para as histórias dos povos colonizadas que foram silenciadas. Sobre esta questão, o autor argumenta que isso ocorreu não porque eles não têm algo a dizer, mas porque contar histórias tem a ver com poder, com a divisão do poder, pois, segundo ele, quem tem a possibilidade de enviar equipes para trazer a notícia está em condições de determinar como deve ser a imagem dos diversos lugares e de sua gente, porque dispõe de recursos para isso (ACHEBE, 2000).

O colonialismo, segundo Said (1995), é a dominação de terras estrangeiras por dado povo, e a consequente subjugação de outros povos, a partir de um sistema de controle e dominação mais amplo, o imperialismo. Para esse mesmo autor, tanto o imperialismo quanto o colonialismo “são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação” (SAID, 1995, p. 40). Nessa direção, Santos (2007) chama atenção para a questão da injustiça cognitiva, que numa relação de subalternidade, dada a condição de silêncio, mobiliza a luta dos oprimidos por justiça cognitiva.

A relação entre disciplinarização do ser, e a determinação por quem detém o poder de quais conhecimentos são válidos, tornou o projeto da modernidade um exercício de violência epistêmica (CASTRO-GÓMEZ, 2007). Sustentado nessa lógica, o eurocentrismo se fortaleceu na produção da colonialidade do saber, que pressupõe, dentre outras questões, o controle da subjetividade e do conhecimento (MIGNOLO, 2003). Para tanto, ocorreu e ainda ocorre um exercício de inferiorização do ser, sustentado por um discurso que apregoa a falta de humanidade nos sujeitos colonizados, que os distancia da modernidade, da razão e de faculdades cognitivas.

### **Práticas educativas e disruptivas do autor-narrador em “*A flecha de deus*”**

Chinua Achebe é autor da Trilogia Africana que compõe o seu projeto literário, composta pelas obras “O Mundo se Despedaça” (Things fall apart, publicada em 1958), “Não mais à Vontade” (No Longer at Ease, publicada em 1960), e “A Flecha de Deus” (Arrow of God, publicada em 1964). Tais obras, caracterizadas pela crítica literária como romances, abordam as estratégias do colonizador para afirmar seu poder diante do colonizado e as estratégias de insubordinação do colonizado como força de resistência. Os cenários são as terras da África Oriental a partir das quais o autor-narrador constrói enredos quase sempre centrados nos costumes, nas tradições africanas e nos embates entre as crenças locais e o cristianismo.

Em uma de suas entrevistas, Achebe destacou que os últimos quinhentos anos de contato do europeu com a África repercutiram na produção de uma literatura que apresentou a África e os africanos de maneira muito ruim, o que pode ser justificado pela necessidade de abrandar a violência do tráfico de escravos e a escravidão cometidos contra eles. Comentou

que mesmo depois da abolição do tráfico de escravos, no século XIX, a produção de literatura nessa perspectiva continuou a atender às novas necessidades imperialistas da Europa, e que até mesmos os africanos, em meados do século XX, passaram a contar essas mesmas histórias (ACHEBE, 2000).

Sobre a escrita de suas obras, ele se desobrigava a escrever de maneira específica, como uma obrigação moral, mas afirma a sua obrigação moral no sentido de não se aliar com os que usam o poder contra os oprimidos. O autor compreende o artista não como alguém “que toma partido do governo contra seus governados oprimidos [...] Mas eu acho que a decência e civilidade insistiriam que você tomasse o partido do oprimido (ACHEBE, 2000, s/p). É o caminho trilhado pelo autor quando a representação do choque entre a cultura Igbo e o sistema de valores ocidentais é desenvolvida por ele na obra “*A flecha de Deus*”.

Nesta obra, Achebe tenta capturar a atenção do leitor ao centrar a narrativa em questões que descortinam as práticas repressoras, por meio da colonialidade do saber, principalmente quando é colocado em questão os conhecimentos tradicionais Igbo, compartilhados na cultura, que aparentemente estariam imunes ao contágio da cultura externa. Fica evidente que há um trabalho ideológico empreendido pelo colonizador, o qual se reflete na relação constante de subalternização, sustentada sob as formas de violência raciais, ontológicas, epistemológicas e cosmogônicas contra o povo Igbo. Em contraposição, o autor-narrador não deixa escapar da percepção do leitor as cenas de resistências, marcadas pelos momentos em que os personagens são chamados à desobediência à disciplina imposta, como no trecho a seguir em que Ezeulu é chamado a reparar seu erro que ameaça o povo africano:

Um homem que traz para dentro de sua casa achas de lenha infestadas de formigas deve esperar a visita de lagartos. Mas, se Ezeulu nos está dizendo que está cansado da amizade do homem branco, nosso conselho para ele devia ser: “Você que amarrou o nó, deve saber como desamarrá-lo. Você, que cagou a merda que está fedendo, deve levá-la para longe”. Felizmente, o feitiço maligno introduzido na extremidade de uma vara não é muito difícil de tirar fora de novo (ACHEBE, 2011, p. 208).

Apesar de Ezeulu, líder espiritual da aldeia, possuir boas relações com o administrador inglês Winterbotton, ele se nega a ajudá-lo quando percebe que pretende interferir nas questões sociais de Umuaro, ação disruptiva que se caracteriza pela quebra dos padrões de comportamentos pré-estabelecidos pelos colonizadores e tendenciosos. Todavia, quando o autor-narrador mostra Ezeulu indiferente à voz de seu povo, ainda que demonstrasse ciência do que ocorrera em Umuaro, mostra como um povo pode ser conduzido a uma situação de passividade tendo as suas subjetividades ameaçadas. Dentro desta lógica, a colonialidade aparece na obra como uma categoria relacionada à uma matriz mais ontológica, a colonialidade do ser, e à outra de caráter mais epistemológica, a colonialidade do saber.

## **Conclusão**

Fica evidente na obra que a colonialidade do ser se dá pelas efetivas práticas missionárias de cristianização Igbo, quando o jogo do líder Ezeulu dá espaço para a instalação hegemônica do cristianismo naquelas aldeias, cujo objetivo era civilizar o povo considerado

selvagem, pagão e atrasado ao colonizador, através dos próprios mecanismos de legitimação do poder, tendo em vista o enriquecimento e promoção de seus próprios interesses. Embora esta relação seja cercada de embates, percebe-se que em “*A flecha de deus*” o autor-narrador fala de uma cultura que busca resistir ao empreendimento ideológico efetuado pelo colonizador, ocupando um entrelugar, uma posição intersticial, que se movimenta de um lado ao outro. E esse entrelugar pode ser percebido, principalmente, no interesse Igbo pela ciência do homem branco, com o objetivo de ter o controle do inimigo, afirmando, assim, uma posição contra-hegemônica.

## REFERÊNCIAS:

ACHEBE, C. **A Flecha de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ACHEBE, C. **Entrevista concedida ao The Atlantic online**. An African Voice, 2 agosto, 2000. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2000/08/an-african-voice/306020/>. Acessado em: 15 jun. 2021.

CASTRO-GOMES, S. Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GOMES, S; GROSGOUEL, R. (orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 79-92

MIGNOLO, W. **Histórias Globais/projetos locais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FERREIRA, Manuel. **O discurso no percurso africano I**. Lisboa: Plátano, 1989.

OLIVA, Anderson Ribeiro. O ensino da história da África em debate: uma introdução aos estudos africanos. In: RIBEIRO, Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro et. al (org.). **História e cultura afro-brasileira e africana na escola**. Brasília: Ágere, 2008, p. 29-49.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1996.

RUIZA, M; FERNÁNDEZ, T; TAMARO, E. Biografia de Chinua Achebe. *The Biographical Encyclopedia Online*. Barcelona Espanha, 2002. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/a/achebe.htm> Acesso: em 15 de jun. de 2021.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud.** - CEBRAP [online]. 2007, n.79, pp.71-94.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.